

EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE RODA DE CONVERSA COM ADOLESCENTES DA FUNDAÇÃO MENINO JESUS (FMJ)

Anna Kamila Rodrigues Carneiro ¹
Lidiany Paiva Silva ²
Leandro Bicalho Lopes ³
Luciana Ramos Moura ⁴
Rennan Lanna Martins Mafra ⁵

Resumo

O presente trabalho relata a experiência de uma roda de conversa sobre "Educação em Sexualidade" com adolescentes de 13 a 17 anos da Fundação Menino Jesus (FMJ), localizada na cidade de Ponte Nova, Minas Gerais, Brasil. Qualitativas discussões as atividades incluíram temas sobre infecções sexualmente transmissíveis, preservativos e consentimento. Os resultados mostraram que os adolescentes tinham pouco conhecimento sobre o tema, obtendo informações principalmente de aulas de biologia, mídias digitais ou conversas informais. Problemas psicológicos e de saúde pública, como a desinformação sobre vacinas e autocuidado, foram identificados, reforçando a necessidade de orientação contínua sobre sexualidade.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade. Adolescente. Roda de Conversa.

Abstract

The present work reports the experience of a conversation circle on "Sexuality Education" with adolescents aged 13 to 17 from the Fundação Menino Jesus (FMJ), located in the city of Ponte Nova, Minas Gerais, Brazil. The qualitative methodology included discussions about sexually transmitted infections, condoms and consent. The results showed that teenagers had little knowledge about the topic, obtaining information mainly from biology classes, digital media or informal conversations. Psychological and public health issues, such as misinformation about vaccines and self-care, have been identified, reinforcing the need for ongoing guidance on.

Keywords: Sexuality Education. Adolescent. Conversation Circle.

INTRODUÇÃO

“Competência midiática, infância e adolescência em contextos sociais de vulnerabilidade: processos de escuta, fortalecimento em rede e produção de conteúdos midiáticos na Fundação Menino Jesus (FMJ) - Ponte Nova/MG” é um projeto de pesquisa e extensão que é executado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) Campus

¹ Anna Kamila Rodrigues Carneiro. Acadêmica de Psicologia. Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA). E-mail: annakamilacarneiro@gmail.com. ORCID: 0009-0008-6748-0906.

² Lidiany Paiva Silva. Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: lidiany.paiva@ufv.br. ORCID:0009-0003-7313-9601.

³ Leandro Bicalho Lopes. Professor de Psicologia. Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA). E-mail: leandrobicalho@univicosa.com.br. ORCID: 0000-0002-9989-3712.

⁴ Luciana Ramos Moura. Professora de Enfermagem. Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: luciana.rmoura@ufv.br. ORCID: 0000-0003-1348-7041

⁵ Rennan Lanna Martins Mafra. Professor de Comunicação Social. Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: rennan.mafr@ufv.br. ORCID: 0000-0002-9078-5475.

de Ponte Nova, na qual conta com a gestão e financiamento a Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). A

A pesquisa é conduzida na FMJ, uma organização sem fins lucrativos, que atende crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social.

O projeto visa fortalecer habilidades de competência midiática junto com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e riscos multidimensionais. Essas competências incluem a capacidade de acessar, analisar e avaliar o impacto de imagens, sons e mensagens que fazem parte do cotidiano contemporâneo, além de desenvolver a habilidade de se comunicar de maneira eficaz através das diversas mídias disponíveis. “O objetivo da literacia midiática é aumentar o conhecimento sobre as diversas formas de mensagens midiáticas presentes na vida contemporânea e ajudar os cidadãos a compreenderem a forma como as mídias filtram percepções e crenças, formatam a cultura popular e influenciam as escolhas individuais” (Borges, 2019, p.15).

O presente trabalho visa relatar a experiência de 1 (uma) das 6 (seis) rodas de conversas realizadas com os adolescentes de 13 a 17 anos conduzidas pela dimensão Processos de Escuta, uma das dimensões que compõe o projeto supra citado. Segundo Sampaio et al. (2014) a aposta nas rodas de conversas sustenta-se na possibilidade de favorecer a fala das adolescentes sobre assuntos social e moralmente “proibidos-desviantes”, permitindo questionamentos, reflexões e, muitas vezes, a desconstrução de dúvidas e mitos, a partir da comunhão de medos e anseios. Logo, esse formato de interação promove escuta ativa, respeito às diferenças e valorização do saber, criando um espaço favorável à aprendizagem e troca de experiências.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A puberdade é o processo de maturação biológica que, pelas modificações hormonais, culmina no aparecimento de caracteres sexuais secundários, na aceleração da velocidade de crescimento e, por fim, na aquisição de capacidade reprodutiva da vida adulta (Brasil, 2022). Nessa fase de intensas mudanças biológicas e psicológicas, os adolescentes mostram maior interesse por temas de sexualidade, incluindo o consumo de conteúdos adultos.

O objetivo da roda de conversa com os adolescentes da FMJ foi promover discussões a respeito da educação em sexualidade, considerando os seguintes pontos: O que é educação sexual; o uso de preservativo; formas de contágio das infecções sexualmente transmissíveis; importância do autocuidado e do consentimento; influência da sexualidade na autoestima e os riscos da sexualidade precoce. O público-alvo foram adolescentes entre 13 e 17 anos, totalizando 14 alunos.

Sexualidade pode ser compreendida como um processo construído ao longo do desenvolvimento dos sujeitos, influenciado por aprendizagens e experiências sociais e culturais (Louro, 2008), que remete ao prazer e à qualidade de vida. Inicialmente, o processo de educação sexual ocorre, informalmente, a partir das relações com o ambiente, tendo a família como referência, e, formalmente, como prática pedagógica, nas escolas e instituições sociais (Figueiró, 2010; Furlani, 2011).

A compreensão dos caminhos da construção social, cultural e histórica da sexualidade e do sexo é importante por se refletir no modo como os documentos públicos os enfocam. Segundo Priore (2011), cada contexto histórico trará uma concepção de sexo e sexualidade que lhe conforma. Atualmente, é muito comum que informações desse tema sejam retiradas pelos adolescentes de mídias digitais, canal esse que oferece uma vasta quantidade de conteúdo, mas que nem sempre é confiável ou devidamente verificado. Isso pode levar à disseminação de informações incorretas ou superficiais, influenciando a formação de opiniões e o desenvolvimento crítico dos jovens. Vale ressaltar, que existe uma grande quantidade de material midiático produzido sobre o assunto voltado para os adolescentes, mas não ocorre o mesmo para publicação de material informativo (Miguel e Tonelli apud Marola, Saches e Cardoso, 2011).

Nas primeiras décadas do século XX, as ideias sobre a sexualidade não mudaram significativamente, permanecendo o forte conteúdo repressivo por trás do educativo (Ribeiro, 1990). Entre as décadas de 1920 e 1940, com a chegada da Sexologia ao país como campo oficial do saber médico, dezenas de livros foram publicados, inclusive sobre educação sexual. No período, a necessidade em pensar ações educativas nas escolas já era reconhecida (Almeida, 2009). Os livros produzidos tinham por objetivo orientar a prática sexual dos indivíduos, com um discurso higienista fortemente enraizado (Quartiero, 2009; Ribeiro, 2004). Logo, é essencial refletir sobre como esse tema está sendo tratado para a geração atual de adolescentes, seja por meio escolar ou da internet considerando que os adolescentes estão expostos a uma série de influências sociais e culturais.

Quando se aborda a sexualidade com adolescente observa-se uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa da vida. Entretanto, é justamente nesse período da vida que a educação em sexualidade deve ser discutida, não de maneira superficial e confusa, mas de forma harmônica e saudável (Almeida, 2008). Nesse sentido, é fundamental que a educação em sexualidade durante a adolescência seja abordada com seriedade e empatia, proporcionando informações claras e precisas, além de criar um ambiente de confiança onde os jovens se sintam à vontade para expressar suas questões e preocupações. A abordagem deve considerar as dimensões emocionais, psicológicas e físicas da sexualidade, promovendo um entendimento mais profundo e equilibrado. Ao oferecer

um suporte adequado e respeitoso, é possível ajudar os adolescentes a desenvolverem uma visão positiva e saudável sobre sua própria sexualidade, contribuindo para um crescimento pessoal mais responsável.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente relato de experiência foi desenvolvido a partir de rodas de conversa realizadas com adolescentes da Fundação Menino Jesus (FMJ), em Ponte Nova, Minas Gerais. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, com o objetivo de promover discussões sobre educação em sexualidade e investigar o nível de conhecimento e as dúvidas dos adolescentes em relação ao tema. A seleção dos participantes foi de demanda livre para todos os adolescentes de 13 a 17 anos que frequentam a instituição presentes no dia, totalizando 14 (catorze) membros.

As rodas de conversa seguiram uma dinâmica participativa, em que os adolescentes eram incentivados a discutir livremente sobre diversos tópicos relacionados à sexualidade, como o uso de preservativos, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), autocuidado, consentimento e autoestima. As discussões foram conduzidas por facilitadoras, acadêmicas dos cursos de enfermagem e psicologia que atuaram como mediadores das conversas.

Para garantir a anonimidade e a confidencialidade das opiniões e dúvidas dos participantes, foi implementada a estratégia de caixa de "tira-dúvidas", onde os adolescentes puderam depositar anonimamente perguntas e inquietações sobre sexualidade.

Os dados coletados durante as rodas de conversa foram registradas em relatórios, permitindo a análise qualitativa dos principais temas abordados e das dúvidas levantadas pelos adolescentes.

RESULTADOS E ANÁLISES

Observou-se que os adolescentes enfrentavam dificuldades e sentiam vergonha ao abordar o tema. Para facilitar esse diálogo, implementamos uma caixa de "tira dúvidas", na qual os jovens podiam escrever suas perguntas sobre o assunto em papéis e depositá-los de forma anônima. Essa abordagem foi muito útil, pois nos permitiu analisar as principais dúvidas dos alunos e, assim, trabalhar essas questões de maneira mais eficaz. Dentre as dúvidas identificadas, estão: "Doenças podem ser transmitidas em abraços, selinhos e mãos?"; "Passar as mãos nas partes íntimas pode-se dizer que é um abuso ou estupro?"; "Precisa ter quantos anos para fazer sexo?"; "Se você tem relação com outra pessoa desde nova, a pessoa pode ser presa?"; "Pode haver doenças na relação sexual entre mulher com mulher?" e "Se você tem relação com uma pessoa mais nova, você pode ser preso(a)? Sendo que a pessoa mais nova que quis e pediu?".

Pôde-se perceber uma variedade em dúvidas, que iam desde questões simples relacionadas a desinformação básica e autoconhecimento, até perguntas que levantaram sinais de alerta, indicando possíveis casos de abuso sexual. Logo, esclarecemos que, caso o aluno necessitasse de ajuda, poderia nos procurar individualmente. No entanto, nenhuma denúncia foi recebida. Além disso, fornecemos informações importantes, como a existência do preservativo feminino e a necessidade de vacinas contra doenças sexualmente transmissíveis (IST), revelando que algumas meninas não estavam atualizadas com a vacina contra o Papilomavírus Humano (HPV). Perguntas voltadas ao autoconhecimento estimularam os adolescentes a refletir sobre a importância do cuidado e do consentimento, promovendo uma discussão mais informada e menos moralista.

A roda de conversa foi se tornando mais próxima gradualmente, proporcionando-nos maior abertura com os alunos. Nesse processo, perguntamos a eles sobre o jogo “Verdade ou desafio”, passatempo popular que envolve escolha e revelação. No jogo, o participante deve optar entre responder honestamente a uma pergunta ou aceitar um desafio proposto pelos demais. Entretanto, é bastante comum que os adolescentes perguntem aos amigos sobre questões de sexualidade no jogo, pois para muitos deles, discutir abertamente o tema pode ser visto como algo proibitivo. Assim, os alunos confirmaram que jogam ou já jogaram esse jogo, e suas respostas foram dadas com um tom de “erro”. Muitas garotas mencionaram que recusaram alguns desafios propostos, como, por exemplo, beijar um determinado participante do jogo.

As mídias digitais também foram um foco de discussão sobre sexualidade. Os adolescentes relataram que, para esclarecer suas dúvidas sobre o tema, frequentemente recorriam à internet, sendo o “TikTok” a rede social mais mencionada. Embora não seguissem “influencers” que abordassem o assunto diretamente, afirmaram que conteúdos relacionados frequentemente apareciam em suas redes. Quando questionados sobre qual fonte oferece mais segurança para tirar suas dúvidas — mídias digitais ou responsáveis —, eles preferiram a internet. No entanto, essa situação diverge com o que Almeida (2008) discute. De acordo com o autor, a sexualidade deve ser abordada de maneira harmônica e saudável. No entanto, muitos conteúdos disponíveis nas mídias digitais são falsos e podem confundir os jovens, dificultando, assim, a compreensão adequada do tema.

O segundo ponto a ser destacado é o que Figueiró e Furlani (2011) mencionam: “O processo de educação sexual ocorre, informalmente, através das relações familiares e, formalmente, como prática pedagógica nas escolas e instituições sociais.” Todavia, apesar de os pais permitirem que os filhos tenham namorados, as conversas sobre sexualidade com os responsáveis costumam ser difíceis, o que sugere uma falta significativa de abertura. Além disso, nas escolas, o tema muitas vezes é abordado de maneira moralista e restrito apenas aos

aspectos biológicos do organismo. Portanto, observa-se que os dois processos fundamentais e informais da educação em sexualidade não estão ocorrendo da maneira ideal prevista pelo autor.

Por fim, pôde-se perceber que os adolescentes da fundação haviam pouco conhecimento sobre educação em sexualidade, sendo a maioria vindos de informações em aulas de biologia na escola, das mídias digitais ou em conversa com os amigos. Questões importantes de saúde pública mostram a gravidade da falta de informação, como a ausência da vacinação contra o vírus HPV por parte das meninas. Conflitos psicológicos também foram evidenciados, como questões de autocuidado e consentimento, aliados aos sentimentos de vergonha e dificuldade em abordar o tema com adultos, o que pode levar a uma falta de suporte emocional e orientação adequada. Além disso, a desinformação e o acesso limitado a informações precisas podem contribuir para uma compreensão distorcida e comportamentos de risco. Portanto, é crucial fortalecer a educação sexual, tanto na escola quanto em casa, para garantir que os adolescentes tenham acesso a informações completas e confiáveis, promovendo uma saúde sexual mais segura e informada.

CONCLUSÃO

Os objetivos da roda de conversa foram alcançados, promovendo um espaço de acolhimento, interação e discussão do assunto entre os adolescentes, com a produção do prazer e não de higienização. Observou-se que cada adolescente experienciou a roda de conversa de maneira única, com base em seus próprios conhecimentos sobre o tema. Nesse momento, foi possível perceber que os adolescentes eram atravessados por diversas ideias e valores morais, os quais refletiam em sua conduta e na maneira como compreendiam e lidavam com a sexualidade. Essas influências, que muitas vezes provenientes da família, da escola e da sociedade em geral, moldavam suas atitudes e comportamentos. A convivência com esses valores e a exposição a diferentes perspectivas sobre a sexualidade poderiam gerar conflitos internos e dúvidas, tornando ainda mais importante o papel da educação em sexualidade no fornecimento de clareza e orientação sobre a temática. Portanto, refletir sobre essa situação implica na importância em colocar os adolescentes sujeitos críticos da própria condição.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo; CELTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem**. Toledo –PR: *Acta Paul Enferm*, 2009. p.76

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Puberdade Precoce Central**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt->

br/assuntos/pcdt/arquivos/2022/portaria-conjunta-no-13-pcdt-puberdade-precoce-central.pdf.

Acesso em: 5 set. 2024.

BORGES Gabriela; SILVA Marcia Barbosa. **Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes**. Juiz de Fora: Editora da UFJF; 2019.

FURLANETTO, Milene Fontana; LAUERMANNI, Franciele; COSTA; Cristofer Batista; MARIN, Angela Helena. **Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura**. São Leopoldo-RS (UNISINOS), 2018. p.22

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. **Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências**. São Paulo, 2011. p.118.

SAFAIR, Sara Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, Roseli Esquerdo. **Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais**. São Carlos – SP, 2015. p.632.